

# A crise na cultura como supressão dos ideais estéticos pelos ascéticos no pensando de Friedrich Nietzsche<sup>1</sup>

José Joaquim Gomes Neto  
Fafil/UFG  
jjgneto@gmail.com

**Palavras-chave:** arte; cultura; ideias estéticos; ideais ascéticos.

## Introdução

A obra *O nascimento da Tragédia* nasce em meio à desordem da guerra franco-prussiana (1870-1871) “enquanto o troar da batalha de Wörth se espalhava por sobre a Europa” (NIETZSCHE, 1999, p. 13). Notemos, pois, que essa obra inaugura um consistente e importante movimento estético. As reflexões de Nietzsche acerca da arte conseguem inserir a estética numa dinâmica em que cultura, moral, Estado e arte estão profundamente ligadas. Isso se dá a tal ponto que nosso autor atribui a crise da cultura, ao advento da moralidade socrático-cristã e à desvirtuação do Estado como motivador de cultura, em mero mantenedor da vida e propagador das promessas de bem-estar e conforto.

O filósofo encontra na cultura grega um exemplo de sociedade em que o fenômeno estético torna-se ímpeto de vida e ao mesmo tempo regulador dos impulsos destrutivos do homem. O Estado grego, anterior a Platão, motivava a transfiguração de toda a contradição da existência em arte, ou seja, sintetizava a totalidade da vida em impulsos de criação artística. O Estado cumpria seu papel fundamental, de ser meio para o florescimento da cultura. Segundo Nietzsche (1999, p. 18) a existência do mundo só se *justifica* como fenômeno estético.

Pretendemos no presente trabalho discutir as relações entre arte, cultura, moral e sociedade. Analisar a arte do ponto de vista justificador da existência. Compreender a intrínseca relação entre as pulsões dionisíacas e apolíneas na arte e no fazer artístico, bem como o declínio da cultura como declínio de tais pulsões. Optamos por um itinerário cujo trajeto se projeta como uma genealogia, iniciando na compreensão das pulsões dionisíacas e apolíneas; sequencialmente apontaremos a queda do trágico através da racionalidade socrática, a ascensão da moral cristã, e por fim, a crise como efeito da negação dos ideais estéticos pelo ascetismo.

---

<sup>1</sup> Revisado pela professora Dra. Adriana Delbó.

## **Nascimento do trágico: pulsões dionisíacas e apolíneas**

Nietzsche introduz na sua estética dois princípios os quais nomeia segundo os deuses gregos Apolo e Dionísio. Estas divindades encarnam as duas “pulsões artísticas da natureza” e que se manifestam na vida quotidiana por meio dos estados psicológicos do ser humano. Enquanto Apolo representa a satisfação onírica, associado à “luminosidade”, racionalidade, à sabedoria, às artes plásticas, à estética do sonho, Dionísio remete ao estado da embriaguez, do êxtase, da música, da dança, não aparecia e racionalidade, e sim instinto, paixão, sentimentos selvagens, loucura, caos, desmesura, fúria sexual, vitalidade, alegria de viver.

As pulsões dionisíacas e apolíneas são fundamentais ao desenvolvimento da arte, assim como a dualidade dos sexos é condicional à procriação (cf. NIETZSCHE, 1999, p.27). É justamente no embate e na luta que os impulsos dionisíacos e apolíneos expressam seu sentido mais profundo, a partir daí, como duas forças opostas, as polaridades se chocam e ao mesmo tempo se sustentam. O mundo grego teria, portanto, encontrado no gênero da tragédia uma síntese entre estas duas tendências. É nesse emparelhamento, nesse atrito que “tanto a arte dionisíaca quanto apolínea geraram a tragédia ática (NIETZSCHE, 1999, p. 27). As duas pulsões representam, no território da arte, oposições de estilo que, por conseguinte, manifestam-se opostamente: as artes plásticas e a música, o sonho e a embriaguez (cf. NIETZSCHE, 2005, p. 5 ou 1999, p. 30). “É essa aliança das duas divindades que provoca, no espectador estético, uma emoção, simultaneamente, apolínea e dionisíaca (FERRO; TAVARES, 1999, p. 67). É a partir desse sentimento de delícia que, segundo Nietzsche, a vida torna-se desejável, a existência justifica-se.

Mas em que ponto as artes dionisíacas e apolíneas poderia ser congruentes? Em que a métrica das artes plásticas poderia ser consonante com a fluidez da música? Para entendermos a intrínseca relação entre essas duas pulsões e conseqüentemente, entendermos os efeitos da decadência da tragédia na cultura grega e, historicamente em toda cultura ocidental, necessário nos é, compreender cada pulsão em seus aspectos singulares.

Nietzsche deixa bem claro que a beleza contida no mundo onírico é precondição para arte plástica e parte da poesia (cf. 1999, p. 28), por quê? No sonho, portamo-nos como artistas consumados, onde nada é estranho, inútil ou alheio. Mas mesmo imerso nesse mundo onírico, não perdemos o véu da aparência, ou seja, mesmo estando sonhando, possuímos a capacidade de perceber, mesmo que tenuemente, a aparência. O sonho traz a tona toda uma realidade significativa e significadora. Como Nietzsche diz no texto *A visão dionisíaca do mundo* (2005, p.6), “a estátua como bloco de mármore é deveras real. Todavia, o real da estátua como

*figura de sonho* é a pessoa viva do próprio deus”. Isso significa que a divindade contida no mundo onírico é transplantada pelo artista ao bloco de mármore, através de um ato de significação. O artista é interpretador dos sonhos. É aquele que se mantém no real, porém, contempla e traduz o sonho em arte. O artista, nesse sentido, é aquele que faz ecoar a beleza do mundo dos sonhos, no mundo real. No sonho, presenciamos não somente a alegria, o gozo e os prazeres, mas a tristeza, a amargura, a morte. Entretanto, é justamente na percepção da aparência que podemos viver todas essas vicissitudes. Nesses aspectos legitimamos a divindade de Apolo com artística, pois este abre-nos ao mundo onírico.

Por um lado, como o mundo figural do sonho, cuja perfeição independente de qualquer conexão com a altitude intelectual ou a educação artística do indivíduo, por outro, como realidade inebriante que novamente não leva em conta o indivíduo, mas procura inclusive destruí-lo e libertá-lo por meio de um sentimento místico de unidade. Em face desses estados artísticos imediatos da natureza, todo artista é um “imitador”, e isso quer como artista onírico apolíneo, quer como artista extático dionisíaco, ou enfim [...] enquanto artista ao mesmo tempo onírico e extático: a seu respeito devemos imaginar mais ou menos como ele, na embriaguez dionisíaca e na auto-alienação mística, prosterna-se, solitário e à parte dos coros entusiastas, em como então, por meio do influxo apolíneo do sonho, se lhe revela o seu próprio estado, isto é, a sua unidade com o fundo mais íntimo do mundo em uma imagem simiforme de sonho. (NIETZSCHE, 1999, p. 32)

As pulsões apolíneas impelem à individuação, ao conhecimento di si. Em contraposição, o dionisíaco convida-nos ao esquecimento, próprio da embriaguez. Nesse jogo entre esses dois elementos fundamentais: a razão, a harmonia e a ordem, emanadas do apolíneo e a ação, o sentimento e a emoção, fruto do dionisíaco nasce a obra de arte. O autor enfatiza que tais pulsões são inerentes a natureza, tendo o artista um mediador em via direta (Cf NIETZSCHE, 1999, p. 32). Em nossa tradição cultural o espírito apolíneo teria triunfado sufocando tudo que é, na expressão de Nietzsche, “afirmativo da vida”.

Nesses termos podemos questionar: como os gregos suportaram esse peso da existência? “O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre eles e a vida, a resplandecente criação onírica dos deuses olímpicos” (NIETZSCHE, 1999, p. 36), ou seja, as pulsões apolíneas e dionisíacas manifestaram e movimentaram o fluxo do fazer artístico, tendo em si mesma, na criação, na produção de sentido e no caráter onírico uma justificação estética para a existência. Esse mundo homérico, fantástico, onde heróis, deuses e criaturas adquirem feições humanas, transporta a dor do existir para uma realidade nova, significativa, tornando a vida desejável (Cf. NIETZSCHE, 1999, p.36 e 37). A tragédia grega “coloca-se como uma justificativa da vida e uma *resposta ao pessimismo*” (SÜSSEKIND, 2000, p. 14).

Nietzsche aponta o declínio da tragédia grega. Acredita ser a razão socrática a responsável pelo assassinato e pela instauração da idade da razão e do homem teórico. Com a doutrina socrática nasce o vão sonho de atingir o que de mais profundo existe no ser. A visão teórica do mundo baseia-se num instinto estético fraco. Esta tendência apolínea da teoria revestiu-se de um instinto estético que procurou libertar-se do elemento dionísio e que por isso tornou-se irmã da fraqueza.

ao diagnosticar a morte da arte trágica, por deixar de ser manifestação direta dos ímpetos apolíneo e dionísio da natureza, Nietzsche a atribui à intervenção, na cultura grega, de exigências de racionalidade e de um novo modelo de beleza, condizente apenas com o que pode ser explicado e compreendido pela razão humana. A partir disto, segundo Nietzsche, deu-se início à condenação dos demais impulsos próprios a tudo o que é da natureza. Ao dionísio não restou espaço e relevância ante o poder para tudo explicar, alcançado pela racionalidade. Em vista disto, o prazer no horrível, possível com a tragédia antes de Eurípedes, não mais foi vivenciado entre os gregos. A substituição do herói trágico de Ésquilo e Sófocles engendrou um novo ideal de homem proclamado no palco grego: o homem comum, que não se limitou a ocupar posição importante apenas na encenação e na audiência da tragédia. (DELBÓ, 2006, p. 154).

É justamente nesse declínio da tragédia grega que Nietzsche encontra, como exímio desbravador de genealogias, o início do declínio da cultura. No socratismo e posteriormente no cristianismo, vimos a cultura ser suprimida pela razão teórica que expurga as manifestações dionísicas, por não estarem preocupadas com a verdade. Posteriormente os ideais ascéticos massacraram toda força, vitalidade, vontade de poder, pela máscara do virtuosismo.

### **Morte do trágico: ascetismo.**

A filosofia de Nietzsche possui um caráter assistemático e fragmentário, correspondendo à sua maneira de conceber a própria atividade filosófica: seu pensamento desenvolveu-se em um sentido mais poético e crítico do que teórico e doutrinário. Formula uma crítica profundamente cáustica e radical aos valores tradicionais da cultura ocidental, que considera decadentes, ao conservadorismo e à visão de mundo burguesa, ao cristianismo, enfim, a toda uma forma de vida que considera contrária à criatividade e à espontaneidade da natureza humana. A tarefa da filosofia deveria ser assim a de libertar o homem dessa tradição. Anunciando uma nova era, uma nova forma de pensar e agir. Através da "transmutação de todos os valores". Nietzsche enfatiza o apelo aos mitos primitivos dos povos, ao heroísmo e à vontade humana, bem como às manifestações artísticas que expressam esses valores. Sua

exaltação inicial da música de Wagner<sup>2</sup>, com quem se envolveu posteriormente em polêmica. e dos mitos originários do povo alemão permitiu que a ideologia nazista, mais tarde, tentasse se apropriar de seus aforismos. Foi profunda a influência de Nietzsche no pensamento contemporâneo, tanto na filosofia, quanto na literatura, sobretudo nas discussões acerca da decadência e da crise na cultura ocidental em nossa época.

Não somente o cristianismo, afirma o autor, envenenou a sociedade moderna com um espírito fraco, também Sócrates “aquele olhar que nunca ardeu o gracioso delírio de entusiasmo artístico” (NIETZSCHE, 1999, p. 87), fez germinar na sociedade grega a racionalidade como ponto de partida e chegada na construção do ideal de homem. O racionalismo socrático partia do princípio de que a razão pode acessar a realidade em nível cognoscível, além do mais, é possível conhecer a si mesmo num sentido essencial, uma espécie de supremacia da razão. O subjetivo passa a ser criação do homem vivendo em sociedade e a consciência a frágil casca fina que encobre as profundezas do Ser.

Dentro desse contexto, é bom ressaltar que Nietzsche projeta sua filosofia na desconstrução de valores que até então os homens adotam como reguladores da vida. Não por pura rebeldia e insatisfação com os valores da época, mas por assumir uma posição de que a verdade nos é inacessível, restando-nos lançar-se ao inaudito e buscar a realização. – Isso não significa resignação, pelo contrário, é lançando-se ao desconhecido e deixando-se levar pelo encantamento que podemos dar sentido às vivências, buscando extrair do sofrimento inerente à condição humana o riso inebriante que se expressa em um contentamento que não é inteligível à consciência.

O filósofo acredita ser, a obstinação pela verdade, o vírus a contaminar o homem dionisíaco, através da ciência e da filosofia. É justamente na despreensão à verdade sintetizada nas pulsões da natureza, que Sócrates, segundo Nietzsche, tece sua crítica à tragédia e instaura o princípio da decadência:

A Sócrates, porém, parecia que a arte trágica nunca ‘diz a verdade’: sem considerar o fato de que se dirigia àquele que ‘não tem muito entendimento’, portanto não ao filósofos”daí um duplo motivo para manter-se dela afastado. Como Platão, ele a incluía nas artes aduladoras, que não representam o útil, mas apenas o agradável, e por isso exigia de seus discípulos a abstinência e o rigoroso afastamento de tais atrações” (NIETZSCHE, 2006, p. 87).

---

<sup>2</sup>O jovem Nietzsche atribui importância singular a Richard Wagner, “que dá expressão as suas próprias esperanças de que os avanços da cultura alemã por ele testemunhados sejam indícios de um processo histórico no qual, inversamente ao que ocorre na Grécia, a cultura alexandrina tende finalmente a extinguir-se, cedendo espaço ao renascimento da tragédia. (BENCHIMOL, 2003, p. 122)

O homem racional preconizado por Sócrates retira a arte de seu papel mediador e insere a verdade, tal degeneração perdurará por toda história da humanidade. Essa racionalidade tornou-se fundamento da ciência e, por conseguinte, parâmetro de verdade e certeza; tal compreensão ditou o modo como nos posicionamos frente ao mundo, e como nos relacionamos e apreendemos o que seja verdadeiramente o humano. “Estamos falando, evidentemente, da tendência científica, daquela formidável *avidez pelo saber (wissensgier)* socrática, que, desde que foi posta em movimento por seu patrono, não cessou de exercer um férreo domínio sobre a cultura ocidental, forçando-a a uma longa e inexorável decadência.” (BENCHIMOL, 2002, p. 117). Essa tendência não artística coloca-se como supressão dos ideais estéticos, das pulsões da natureza.

O autor faz cáusticas críticas aos herdeiros do socratismo. Ao analisar a sociedade moderna, constata que o conceito de bem e mau assumem características profundamente destrutivas no que se refere à vida e ao espírito humano. Assumir esses aspectos morais é suprimir toda e qualquer relação de contradição. Nisso, compreendemos que a renúncia à contradição é inerente ao modo judaico-cristão de compreender a si próprio, e a sua comunidade. Além do mais, nota-se que, genealogicamente, todos os preceitos morais encontraram um ponto convergente na história dos povos, e portanto, foram extremamente úteis na legitimação do poder pelo ressentimento, pela fraqueza, pela negação.

A moral preconizada pelos ressentidos é apregoada como sendo prescrição divina. Nietzsche atribui à sociedade judaico-cristã a consequência de termos, ao longo dos anos, nos tornado rebanhos, irreflexivos, onde a vida é negada em sua estrutura mais fundamental, onde os desejos são reprimidos em nome de um idealismo ascético. A esses inimigos da vida diz o filósofo:

O modo de valoração nobre-sacerdotal [...] tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio! Os sacerdotes são, como sabemos, *os mais terríveis inimigos* – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. (NIETZSCHE, 2006, p. 25)

O ascetismo deixou marcas profundas em nossa cultura. Mas como um povo sacerdotal conseguiu dominar a aristocracia guerreira? Através de uma nova equação, cujo parâmetro de valoração se inverte. A isso, nosso autor chama de tresvaloração, a arma mais poderosa da casta judaico-cristã. Todas as características da aristocracia como: força, nobreza, dominação, poder é transformada em expressão moral negativa, mau. Enquanto isso, toda fraqueza, baixeza, impotência, é referenciada como sendo bom. Qual atitude devemos tomar diante do que é mau? A resposta dessa pergunta tem uma direção lógica, que é “combater”.

Eis a vitória. Tudo que é bom (a passividade, o ressentimento) devem ser reverenciados em sua fraqueza, enquanto que os maus (os ativos, a força aristocrata) precisam ser combatidos ( Cf. NIETZSCHE, 2006, p. 26). Além do mais,

Os judeus – um povo ‘nascido para a escravidão’, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, ‘o povo eleito entre as nações’, como eles mesmos dizem e creem – os judeus realizaram esses milagres da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios o os seus profetas fundiram ‘rico’, ‘ateu’, ‘mau’, ‘violento’ e ‘sensual’ numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra ‘mundo’. Nessa inversão dos valores [...] reside a importância do povo judeu: com ele começa a *rebelião escrava na moral* (NIETZSCHE,2003 p.95).

Assim, os vingativos impuseram sua cultura de negação da vida aos povos. “o sacerdote ascético corrompeu a saúde da alma em toda parte onde alcançou o poder, e em consequência também corrompeu o gosto *in artibus et litteris* [nas artes e letras] - ainda o corrompe” (NIETZSCHE, 2006, p. 132). O ideal ascético<sup>3</sup> traduz a “vontade de potência” em vontade de negação da vida. Tornando o homem ressentido e fraco. A noção de culpa, projetada na mentalidade dos homens pelos sacerdotes, faz com que a dor do sofredor seja interpretada como uma falta, um pecado, ou seja, o sofredor mesmo é culpado pela dor que sente. Não há outra saída às pressões, contradições da existência, que não seja a negação e simplificação da complexidade do humano, sua domesticação, seu arrebanhamento.

### **Crise na cultura**

Os ideais ascéticos preconizados pela moral sacerdotal corrompem a lógica em que vida como expressão de força, espontaneidade, querer-vencer, querer-subjugar, querer-dominar são *tresvalorados* em atribuição moral “mau”, e o contrário, o fraco, o submisso, o passivo, o que se deixa dominar, torna-se “bom” (Cf. NIETZSCHE, 2006, p.36–38). Tal acontecimento insere na dinâmica do mundo outro tipo de herói, não mais aquele criado da luta entre as pulsões dionisíacas e apolíneas, mas um herói virtuoso, que vence pela fraqueza e submissão, pela humildade, pela passividade. A história do cristianismo esta carregada desses novos modelos de homens, a ver: Paulo de Tarso, Francisco de Assis, etc. Exemplos de renúncia aos desejos, ao sonho, às paixões, à vitalidade, próprios do princípio dionisíaco.

Segundo nosso autor, as influências da moralidade herdada do pensamento socrático-cristão, estão tão impregnadas em nossa sociedade, que até mesmo a democracia, símbolo do estado laico, tem em sua estrutura básica, os ideais de igualdade e justiça, proeminentes da casta sacerdotal. A bandeira da paz hipócrita e da coletividade arrefece o humano, torna-o escravo da mera sobrevivência, essa é a real face da democracia. “A noção nietzscheana de

---

<sup>3</sup> Nietzsche afirma ser o ideal ascético antinatural, visto ser as pulsões geradoras do trágico, grega e

cultura é perpassada pela articulação fundamental das diversas manifestações da vida de um povo em uma unidade de estilo artístico” (DELBÓ, 2006, p.16). Por isso, nosso autor não separa as questões estéticas das políticas. Segundo ele, em tudo o que um povo cria, há a vontade de arte. Se o Estado e a moral subsumem as pulsões humanas, a vida como vontade de potência entra em crise, pois não produz cultura, produz um ser patológico. O homem sem a estética “justifica-se” no trabalho, na inércia.

A crise na cultura segue esse trajeto de renúncia e retirada das pulsões dionisíacas do teatro grego, e com isso, também as pulsões apolíneas. Compreende-se ser a força de oposição de tais pulsões da natureza o substrato da arte, da cultura. O desmantelando de tais pulsões, demoli portanto, a cultura. Qual importância tem os ideais ascéticos para um artista, indaga Nietzsche no aforismo um da *Genealogia da Moral* e responde categoricamente no aforismo cinco: Nada! Os ideais ascéticos não significam nada para o artista, ou se significa, tão o é que acaba por não significar nada, se fosse diferente, seria uma arte limítrofe, uma revolta contra si.

Nietzsche foi um dos primeiros pensadores a lançar um olhar crítico à cultura moderna, antecipando assim, a realidade caótica que encontramos pela massificação da cultura e *reificação* do humano. As interpretações de nosso autor influenciaram sobremaneira os pensadores da Escola de Frankfurt, os quais tecem uma análise crítica à sociedade de massa. Nesses termos, sociedade de massa e rebanho possui estruturalmente o mesmo significado.

Na *genealogia da moral* (p.115) consideremos o que nosso autor expressa acerca do sacerdote ascético:

a ele devemos considerar o salvador, o pastor e defensor predestinado do rebanho doente: somente então entenderemos sua tremenda missão histórica. *A dominação sobre os que sofrem é o seu reino.* [...] Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado aos doentes e molgrado desde a raiz, para entendê-los. [...] Ele tem que defendê-lo, ao seu rebanho – contra quem? Contra os sãos; não há dúvida, e também contra a inveja que tem dos sãos; ele tem que ser o opositor e *desprezador* natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura desenfreada, violenta e rapace.

Nesses termos, compreendemos a degeneração da criatividade do homem grego pré-socrático em um tipo de homem fraco e arrebanhado. Onde a vida se “justifica” não na cultura e na elevação do espírito através das criações artísticas, mas nas relações doentes com o trabalho e nas renúncias dilacerantes dos desejos, egoísmo e força como vontade de potência. Como isso se tornou tão profundo, a má consciência? Um golpe de gênio enfatiza nosso autor, “o próprio Deus se sacrifica pela culpa dos homens, [...] Deus como único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando pelo seu devedor, [...] por amor a seu devedor”(NIETZSCHE, 2006, p. 80). O golpe de gênio

do cristianismo, diz Nietzsche. Paulo de Tarso estabelece uma interpretação da crucificação de Jesus como um ato de amor aos fracos, oprimidos, amargurados, pisoteados, enfermos. O ódio judeu dá lugar ao “amor” cristão (“Perdoai-os Pai, pois eles não sabem o que fazem” cf. Lc 23,34). Mas esse “amor” é abastecido por um imenso ódio à vida, aos indivíduos fortes e saudáveis.

A filosofia de Nietzsche sempre foi uma crítica ao tipo de homem e sociedade que se estabeleceu na modernidade. A cultura grega das tragédias foi subsumida pela cultura da racionalização: do dionisíaco pela culpa e abnegação do corpo e do desejo e o Estado como essencialmente produtor de cultura, como mero mantenedor da vida biológica. O gozo pela vida, justificada nas suas contradições, é substituído pelo apressado doente pelo trabalho. O projeto da “cultura” moderna é, sobretudo, um projeto de “nãos”: à vida, à si e ao mundo. Toda essa negação culmina no que Nietzsche denomina nihilismo, “vontade nada”.

### **Considerações finais**

Toda investida de Nietzsche é uma crítica ao arrebamento. Neste sentido, considerava tanto a religião, quanto a política como predominantemente rebanhos. “A crítica nietzschiana ao Estado está intimamente associada a sua crítica à cultura e à sociedade de massas, que ele vê como homogeneizadoras e nocivas às energias vitais, à criatividade e à individualidade superior”(KILLNER, 2000, p. 18).

Os gregos conseguiram criar uma cultura valorativa da vida, além do mais, é possível perceber uma síntese de estilo na estética grega, a tal ponto, que arte, vida e política não se dissociam. A vida como vontade de arte legitimava e justificava a existência do homem grego. A vontade de potência é essencialmente vontade de cultura, de arte. Se as pulsões dionisíacas e apolíneas são estruturalmente pulsões da natureza e, através do espírito do artista, são plasmadas em arte, a cultura moderna é conseqüentemente negativa a própria natureza. Ao contrário do Estado grego, a política moderna alicerçou a vida sobre outra base, lançando o homem numa “cultura de rebanho”. A arte autêntica deve opor-se a isso, ela privilegia os sentidos, a imaginação e outros aspectos do corpo, permitindo aos homens transcenderem as normativas morais, e até mesmo sua existência, num jogo de individuação (onirismo apolíneo) e o esquecimento de si (embriaguez dionisíaca).

A vida humana é expressa, segundo Nietzsche em vontade, seja “uma vontade de nada, uma aversão a vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida” (NIETZSCHE, 2006, p. 149), ou uma vontade de arte, que justifica a existência como

fenômeno estético, cuja contradição é fundamento de unidade de estilo (trágedia entre os gregos). “ *O homem preferirá o nada a nada querer...* ”

Nietzsche no final da segunda *dissertação da genealogia da moral* (p. 85) enfatiza acerca do surgimento de um homem capaz de transpor veementemente “esse presente murcho”, que seja forte, forjado nas batalhas, viril, ativo, saudoso à vida, criativo. “anticristão, e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada”, capaz de transvalorar todos os valores, seja artista por excelência, o qual Zarathustra é o anunciador. Mas no presente murcho, a moral judaico-cristã continua em sua metamorfose constante, adaptando-se e adentrando nos movimentos históricos (Iluminismo, democracia, liberalismo, feminismo), numa espécie de dialética da decadência. A racionalidade socrática, repassada a Descartes, Kant, Hegel e tantos outros filósofos da história, continuam ecoar num incessante “onde está a verdade?”, enquanto isso Nietzsche pergunta em sua filosofia “onde está a vida”?

## Referências

BENCHIMOL, Márcio. *Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche*. São Paulo: FAPESP, 2003.

CHAVES, Ernani. *Ética e Estética em Nietzsche: crítica da moral da compaixão como crítica aos efeitos catárticos da arte*. *Ethica*, vol. 11, nº 1 e 2, tomo 1, 2004, p. 45-66.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições70. 2007.

DELBÓ, Adriana. *Misteriosa conexão entre arte e Estado: a reflexão sobre cultura no jovem Nietzsche*. Tese (Doutorado em filosofia) – Instituto de filosofia e ciências humanas. UNICAMP. Campinas, SP: 2006.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: Apolo e o Estado para a promoção da cultura*. *Philosophos*, 2006, vol. 11 n. 02, p. 185-213

DIAS, Rosa Maria. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em *O nascimento da tragédia*. *Cadernos Nietzsche*3, 1997, p. 07-21.

FERRO, Mario Fernandes, TAVARES, Manuel, *Análise da Obra A Origem da Tragédia de Nietzsche*. Lisboa: Editora Presença, 1999.

LACOSTE, Jean. *A Filosofia da Arte*. RJ: J. Zahar, 1985

LOPEZ, H. J. P. *Hacia el nacimiento de la tragedia – un ensayo sobre la metafísica del artista en el joven Nietzsche*. Res Publica, s/d.

KELLNER, Douglas. *A crítica de Nietzsche à cultura de massa*. Porto Alegre: Revista Famecos, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão Dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras: 1999.

POVERADA, Stefano. *Nietzsche e il naufragio della verità: critica, nichilismo, volontà di potenza*. Milano: Ed. Mimese; 2003.

V.A. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Edição de Roberto Machado; tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

V.A. *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.